



NEWSLETTER

O predicado “Vinha Velha” e a necessidade de rever o cadastro

Estimado(a) Duriense,

Recuperamos o tema da nossa [Newsletter nº5/2018](#) pois consideramos esta matéria crucial para o futuro da RDD. Temos vindo a defender a nossa posição junto das entidades competentes e pertencemos neste momento ao grupo de trabalho que estuda o assunto com a Federação Renovação Douro/Casa do Douro. O tema é discutido um pouco por todo o mundo vitícola e ficamos de certa forma agradados quando percebemos que a nossa visão, salvaguardando as especificidades de cada país, vai de encontro às soluções que muitos deles já puseram em prática.

Certamente que a idade da vinha é um factor indiscutível nesta classificação, mas não pode por si só, ser o que a determina. Trata-se aqui de procurar um ponto no tempo vitícola de cada região que tenha marcado indubitavelmente a sua história. Que seja distintivo, único, digno de preservação. Memórias de um tempo mais simples em que se fazia o que a terra pedia ou o que humanamente deixava fazer e não se tinha ainda cedido à massificação da agricultura intensiva e mecanizada que praticamos nos dias de hoje e começamos já, a querer corrigir.

Para a Prodouro o ano de **1965 marca esse ponto de viragem** e reconhecemos nas vinhas plantadas até essa data a autenticidade do Douro vinhateiro. A variedade de castas que as constituem são um verdadeiro tesouro genético que não podemos, nunca, correr o risco de perder. Os muros de pedra posta que identificam imediatamente a região são uma homenagem ao engenho e resiliência duriense. Toda a estrutura de plantação permitiu que estas vinhas chegassem aos nossos dias e contribuiu para elevar o ADV a Património da Humanidade. Cabe-nos a nós defende-las e a única forma de o fazer é dar-lhe valor acrescido.

Numa tentativa talvez, de satisfazer os mercados, algumas instituições tentam fazer passar a ideia de que basta uma vinha ter 40 ou 50 anos para ser considerada velha. O consumidor está cada vez mais atento e informado e começa a ter consciência que nem tudo o que lhe quiseram vender até aqui provém de vinhas velhas, até porque não existe definição legal para o termo. Mesmo que um uso excessivo ou desregrado do termo o possa ter desacreditado, será impossível refutar a evidência histórica que uma vinha destas transparece. O consumidor pode saciar a sua busca de autenticidade **bebendo história e paisagem (física e social) numa vinha velha do Douro**.

Olhando novamente para os nossos congéneres estrangeiros, damos conta da preocupação que têm em conhecer o seu território e de quanto este conhecimento prévio facilitou o avanço nas decisões que tomaram já, na classificação dos seus vinhedos. A Austrália, por exemplo, actualizou recentemente o seu cadastro através de uma tecnologia denominada Geospatial Artificial Intelligence for Agriculture (GAIA) fazendo um scan a toda a região e obtendo imagens de satélite em alta-resolução. Neste momento conseguem determinar com exactidão quantos Km de linha de videiras por ha possuem e onde (por curiosidade, também nós entendemos que a melhor maneira de exprimir a densidade é em km de sebe de videira por hectare, mas sobre isso falaremos noutra altura). Prevê-se a evolução deste sistema para que no futuro consiga identificar castas mas em breve vai ser lançada uma app que permite aos viticultores e aos enólogos identificar e classificar as suas próprias parcelas. Em paralelo, a África do Sul criou um site onde se apresenta uma solução similar, fornecendo uma lista de todos os vinhedos e da sua classificação facilitando o trabalho e no fundo o encontro de viticultores e enólogos.

Torna-se por demais evidente a falta que faz, não conhecermos devidamente o nosso território. É fundamental conhecer as vinhas da região e o seu potencial, é imperativo sabermos ao certo que castas se estão a plantar. Não temos outra forma de saber se estamos a caminhar na direcção certa. Não podemos trabalhar no vazio. É urgente actualizar o Cadastro Vitícola ([leia aqui as propostas da ProDouro para o cadastro](#)), conhecermos ao pormenor a nossa “casa” para a podermos arrumar da melhor maneira possível.

Mais do que nunca, é necessário estarmos **unidos numa só voz**, não podemos continuar sentados a criticar o que está mal, soltando palavras ao vento que caem em saco roto. Temos que mostrar que estamos dispostos a lutar pela nossa região, a defender o nosso trabalho. Quem corre por gosto não cansa mas correr sem nunca alcançar o pódio é desesperante.

Se nos está a ler, ainda não é sócio mas identifica-se com o nosso trabalho e com a vontade que temos em fazer mais, aceite o nosso convite: junte-se à ProDouro ([ficha de adesão aqui](#)).

Juntos vamos mudar o que é preciso, vamos devolver o Douro ao seu legítimo lugar.

A Direcção da ProDouro